

DA PATRÍSTICA À ESCOLÁSTICA

Vicente Eduardo Sousa e Silva

1. A HERANÇA CLÁSSICA

Exegi monumentum aere perennius
Regalique pyramidum, altius,
Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit diruere, aut innumerabilis
Annorum series et fuga temporum.
Non omnis moriar. (1)

A lapidar ode de Horácio parece transcender o próprio significado para expressar a imortalidade da cultura romana. Quando as fronteiras de Roma, centro do universo ao tempo da morte de Marco Aurélio, atingiram o pináculo da sua curva ascensional, estendiam-se da península ibérica ao longo do Reno e para além do Danúbio. Alcançavam a Grã-Bretanha, contornavam o norte da África, avançavam sobre o Cáucasso e batiam às portas da Pátria.

Consolidado então o domínio sobre o meio-mundo, as águias romanas desovam sobre as terras conquistadas e o *latim*, claro, harmonioso e preciso, depositário das verdades fundamentais da filosofia e dos mistérios divinos da fé cristã, desdobra-se generoso nas línguas românicas. Por conseguinte, todo o acervo cultural da antiguidade, emanado na sua essência da Grécia, — *Graecia capta ferum victorem cepit* — derrama-se sobre o mundo ocidental cristão, absorvido pela Igreja após o declínio do Império. Tornam-se pois herdeiros desse manancial clássico os *Santos Padres* nos primórdios do primeiro milênio e os *Doutores da Igreja* em plena Idade Média.

1 Horácio, Ode III, 30.

A Patrística e a Escolástica portanto moldaram um colossal sistema filosófico teológico que ainda hoje persiste incólume e imortal como a verdade. De um lado, o talento de Agostinho de Hipona cuja doutrina preconiza o triunfo da cidade de Deus; do outro, o gênio de Tomás de Aquino que sintetiza magistralmente: "a única contemplação que pode exaurir todas as exigências do pensamento, e que por isso pode tornar repleta a alma de felicidade, é a contemplação de Deus." Assim ambas as fases se integram e se completam pela magnitude da doutrina.

2. A PATRÍSTICA: CLASSIFICAÇÃO E CONCEITO

A *Patrística*, gênese da literatura cristã, representa a expressão da fé dos denominados *Santos Padres* da Igreja, teólogos de excepcional saber e de reconhecida santidade. Construtores da teologia católica e mestres da doutrina cristã, floresceram entre os séculos II e VIII.

Melchior Cano (2) assim os caracteriza:

1. Ortodoxia doutrinária;
2. Santidade de vida;
3. Reconhecimento, ao menos indireto, por parte da Igreja;
4. Antiguidade.

Alguns autores restringem a *Patrística* até a época do Concílio de Calcedônia (451), enquanto a maioria a prolonga até os séculos VII e VIII. Costuma-se portanto distinguir na *Patrística* três períodos:

1. Do século II ao Concílio de Nicéia (325);
2. Daí, fase do apogeu, até o Concílio de Calcedônia (451);
3. Período de transição para a *Escolástica*. Séculos VII e VIII.

Vencido o paganismo (Edito de Constantino, 313) a Igreja concentra a sua atividade nas próprias doutrinas. As heresias surgidas então, como o arianismo, o maniqueísmo, o pelagianismo, o donatismo, o nestorianismo e outras, ensejaram o despontar dos apologistas da fé no campo filosófico quanto no teológico.

2. Apud A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*.

Conquanto a filosofia *patristica* não tenha alcançado um corpo sistemático e uno, desenvolveu-se amplamente no que concerne ao dogma, às questões morais, ao fim do homem, às virtudes, à existência, à natureza e atributos de Deus, sua relação com o mundo, à graça, à natureza da alma e suas faculdades.

Ademais, o escopo principal dos *Santos Padres* consistia em defender o Cristianismo das nascentes heresias que tentavam contraditar o dogma e contaminar a pureza da fé. Então, já o velho paganismo recolhia contra a nova religião todas as forças que ainda lhe restavam, opondo-lhe o Cristianismo, ora o sangue dos mártires, ora a palavra dos apologistas. Expositores do dogma, recorrem à razão todas as vezes que esta lhes serve de esteio à doutrina, usando assim as mesmas armas da filosofia adversária.

Num mundo saturado de cultura helênica, os *Padres* vazavam suas idéias nos moldes clássicos dos filósofos gregos, mormente Platão, pela semelhança de seus ensinamentos morais e teológicos com os preceitos evangélicos. Foi porém a filosofia helênica aperfeiçoada e sublimada pelas novas idéias e definitivamente assentados novos conceitos sobre Deus, sua providência, a imortalidade da alma, a lei moral, a finalidade do universo e muitos outros.

3. OS SANTOS PADRES

Durante os quatro primeiros séculos, os Santos Padres consolidam a crescente vitória da doutrina legada pelos apóstolos. Ao conquistar Roma e o Império, o cristianismo vai paulatinamente extirpar o paganismo e salvar a herança do pensamento antigo.

As obras desses escritores balizam as diversas etapas da penetração cristã. Os apologistas despontam como vanguardeiros da fé, enquanto os alexandrinos, africanos orientais e ocidentais montam os contornos da teologia e filosofia cristãs cuja maturidade emergirá no século IV, para atingir o apogeu em pleno século XIII.

Remontemos ora aos primeiros séculos para evocar os mais importantes escritores dessa fase entre *Santos Padres* ou não.

S. Justino (166), nascido em Naplusa na Galiléia, mártir. Escritor leigo, autor de duas *Apologias* e do *Diálogo com o judeu Trifão*, é o mais destacado apologista do século II. "O cristianismo para ele não é, antes de tudo, uma doutrina, porém, uma pessoa: o Verbo encarnado e crucificado em Jesus".

Sto. Irineu (200), da Ásia Menor, Bispo de Lião, distinguiu-se como uma das primeiras vozes a opor-se ao nascente racionalismo gnóstico. Insurgiu-se contra as divisões na Igreja, tendo como norma

o *Ubi Ecclesia, ibi Spiritus*. Seu *Adversus Haereses* representa um marco na história da Igreja.

Orígenes (185-254), alexandrino, autor de *Hexapla*, primeiro monumento da crítica cristã. Embora certas afirmações, como a crença na eternidade da matéria e na preexistência das almas, tenham sido condenadas, defendeu porém, veementemente a transcendência divina, a espiritualidade e a liberdade da alma.

Sto. Atanásio (299-373), do Egito, bispo de Alexandria. Denominado *malho do arianismo*, defendeu energicamente a divindade de Cristo, solenemente definida no Concílio de Nicéia. Figura desconcertante dos *Padres da Igreja*, sobre ele Lyantey dizia: "Não se constrói um império com donzelas". Atanásio o fez com a virilidade que lhe era característica.

Sto. Efrém (306-373), de Nísipi na Mesopotâmia, aclamado como a *Harpa do Espírito Santo*, e excelso poeta mariano;

S. Cirilo de Alexandria (370-373), muito celebrado pelo *Sermão em louvor à Mãe de Deus*.

Sto. Hilário de Poitiers (367), da Gália, "uma Itália muito mais que uma província" no dizer de Plínio. "A Trindade", obra-prima do Bispo de Poitiers, monumento teológico que lhe assegurou o título de *Doutor da Igreja*, aborda o mistério divino em sua profunda e completa dimensão. Afirmava ser a própria palavra pouco hábil para "explicar os mistérios inenarráveis e expor aos riscos decorrentes do uso da linguagem humana esses mistérios que deveriam ser conservados no íntimo de nossas almas."

Exilado, escrevia: "Estou alegre em minha prisão, porque a palavra de Deus não pode ser aprisionada." Dele é essa sublime profissão de fé:

"Jamais cairei no ridículo e na impiedade de me estabelecer juiz de tua onipotência e de teus mistérios, de fazer meu frágil conhecimento passar à frente da noção verdadeira de tua infinitude e da fé em tua eternidade."

"A palavra humana, fraca e imperfeita, não cega os sentidos de minha natureza em relação a ti, a ponto de reduzir minha fé ao silêncio..."

"Quando fixei teu céu com os fracos olhos da minha luz, pensei que ele não podia deixar de ser o teu céu. Quando considero as órbitas estelares, a sucessão dos anos, as estrelas da primavera, a estrela do norte, a estrela da manhã, o céu onde cada astro desempenha seu papel específico, é a ti que descubro, ó Deus, nesse mundo celeste, que minha inteligência não pode abranger."

S. Leão Magno (461), da Toscana, Papa. Seu sobrenome decorre tanto da força dogmática da própria obra como da firmeza com que sustentou o decadente império do Ocidente;

S. Gregório Magno (540-604), natural de Roma, Papa, introdutor do canto que leva seu nome na liturgia da Igreja. Bossuet considera-o "o modelo perfeito de como se governa a Igreja";

Sto. Isidoro (560-636), nascido em Cartagena, Bispo de Sevilha. Foi o último *Padre* da Igreja do Ocidente. Seu saber enciclopédico valeu-lhe a admiração da Idade Média que lhe conferiu o título de "doutor insigne". Suas *Etimologias* ou *Origens*, enciclopédica de todos os conhecimentos, foram um dos livros mais transcritos e mais lidos.

Avultam porém, sobre os demais, os *Padres* da Igreja Oriental, Basílio, Gregório Nazianzeno e João Crisóstomo. Pela Igreja Ocidental, os três pólos do humanismo cristão, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho. Os *Padres* gregos dedicaram-se preferentemente às questões especulativas e teológicas, enquanto os latinos ativeram-se mais aos problemas morais, disciplinares e políticos.

4. SANTOS PADRES DA IGREJA ORIENTAL

S. Basílio Magno (369). Bispo de Cesaréia da Capadócia. Denominado de "o romano entre os gregos" pela precisão e clareza de doutrina, distinguiu-se sobretudo pelo que escreveu a respeito da *Santíssima Trindade*, sendo também de sua autoria a obra *Hexâmero*, duas regras monásticas e muitos sermões.

Assinale-se do autor o conteúdo dessa lição social:

"E tu, que vais ocultando todos os bens nas dobras de uma avareza insaciável, julgas não prejudicar ninguém, deixando na privação tantos infelizes?"

"Ao faminto pertence o pão que guardas."

"Ao miserável, o dinheiro que guardas escondido".

S. Gregório Nazianzeno (330-379), Bispo de Constantinopla. Pela magnífica exposição de doutrina trinitária mereceu o título de teólogo. De inflamada eloquência, escreveu dezenas de brilhantes discursos, sendo cinco teológicos.

S. João Crisóstomo (349-407), de Antioquia, Bispo de Constantinopla. Pregador insuperável, a eloquência lhe valeu o sobrenome que a posteridade lhe conferiu: "boca de ouro". Sua obra, de caráter predominantemente pastoral, tende mais para o racionalismo que para o misticismo. Destacou-se pelos escritos sobre a *Eucaristia*, pelos Comentários a respeito dos livros bíblicos e pelos Sermões.

5. SANTOS PADRES DA IGREJA OCIDENTAL

Sto. Ambrósio (340-397), nascido em Treves. Encabeça a galeria dos expoentes da época de ouro da literatura cristã.

Depois de governar a Itália setentrional na Lombardia, foi escolhido bispo de Milão. Pastor e mestre do seu povo, orador e jurista, defendeu com intrepidez a Igreja dos avanços do paganismo e das afrontas dos arianos.

Acredita-se que suas homilias muito concorreram para a conversão de Sto. Agostinho. Credita-se-lhe o mérito de haver introduzido o *canto dos salmos* na liturgia da Igreja Católica. Suas pregações e escritos versam sobre temas apologéticos e místico-moralizantes.

A propósito, escute-se do pastor a mensagem social:

“Aliás, não são os teus bens que distribuis ao pobre, são apenas os dele que lhe destinas. Pois o que fazes é usurpar só para teu uso o que é dado a todos e para ser utilizado por todos. A terra pertence a todos e não aos ricos...”

De *Officiis Ministrorum* sobressai como sua obra-prima. Autor de *Comentários ao Gênesis*, atribui-se-lhe também o *Te Deum*, magnífico hino de gratidão e louvor a Deus.

Façamos uma pausa para escutar o esplêndido canto de ação de graças. À semelhança dos salmos bíblicos, o poema ambrosiano ecoa com ressonâncias divinas como a expressão mais pura do amor a seu Criador:

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur.

Te aeternum Patrem omnis terra veneratur.

Tibi omnes Angeli, tibi coeli et universae Potestates:

Tibi Cherubim et Seraphim incessabili voce proclamant:

Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth.

Pleni sunt coeli et terra majestatis gloriae tuae.

Te gloriosus Apostolorum chorus:

Te prophetarum laudabilis numerus.

Te Martyrum candidatus laudat exercitus.

Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia:

Patrem immensae majestatis:

Venerandum tuum verum, et unicum Filium.

Sanctum quoque Paraclitum Spiritum,

Tu Rex gloriae, Christe.

Tu Patris sempiternus es Filius.
Tu ad liberandum suscepturus hominem,
non horruisti Virginis uterum.
Te ergo quaesumus, tuis famulis subveni:
quos pretioso sanguine redemisti.
In te, Domine, speravi: non confundar in aeternum.

S. Jerônimo (420), nascido na Dalmácia. Surge mais uma das pilastras da Igreja. *Vir trilinguis*, exegeta, historiador, retórico, dialético, sobressai como o mais erudito dos *Santos Padres*.

Sacerdote, abraça a vida ascética e vive por vários anos no deserto siríaco de Cálcide, onde aprende o hebraico para estudar a Sagrada Escritura no original. Sua tradução do hebraico e do aramaico para o latim do Antigo e Novo Testamento resultou na *Vulgata*, Bíblia oficial do Cristianismo. Isto consagrou-o como *Doutor das Sagradas Escrituras*.

A ele também devemos a primeira história da literatura cristã, *De viris illustribus*, onde alude a cento e trinta escritores da época, nem todos cristãos. Dá seqüência também à *Crônica* de Eusébio, pai da historiografia eclesiástica, traduz as obras de Orígenes e as de Dídimo. Homilias e cartas primorosas alinham-se entre suas atividades literárias.

Como exemplo da sua obra, apresentamos um excerto do latim da *Vulgata* para o cristão sedento da mensagem divina:

"In mense autem sexto missus est Angelus Gabriel a Deo in civitatem Galilaeae, cui nomen Nazareth, ad virginem desponsatam viro, cui nomen erat Ioseph, de domo David, et nomen virginis Maria. Et ingressus Angelus ad eam dixit: Ave, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus. Quae, cum audisset, turbata est in sermone eius et cogitabat qualis esset ista salutatio. Et ait Angelus ei: Ne timeas, Maria; invenisti enim gratiam apud Deum: ecce concipies in utero et paries filium et vocabis nomen eius Iesum.

.....
Dixit autem Maria ad Angelum: Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco? Et respondens Angelus dixit ei: Spiritus Sanctus in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi.

.....
Dixit autem Maria: Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum. Et discessit ab illa Angelus". (Luc. I, 26-38).

Sto. Agostinho (354-430), natural de Tagaste na Numídia (hoje Argélia). Foi o filósofo de maior envergadura da Patrística e um dos pensadores mais profundos do Cristianismo.

Desde cedo devota-se sobremaneira ao estudo e, após frequentar as escolas de Madaura e Cartago, dedica-se à retórica.

Experimenta então as contradições do espírito sedento da verdade e se deixa seduzir pelas heresias maniqueístas que não o satisfazem penamente. Dá-se conta dos próprios erros ao ouvir sto. Ambrósio, cujas palavras a par das preces da mãe, santa Mônica, reconduzem-no à verdade.

Depois de algum tempo de recolhimento em Cassiago, Agostinho recebe o batismo, contando a Igreja com novo paladino da ortodoxia. Ordenado sacerdote, sagrado bispo de Hipona, posteriormente é declarado *Doutor da Graça*.

Admire-se esta página inimitável, tema de suas *Confissões*:

"Tarde te amei

Beleza sempre nova e sempre antiga!

Tarde te amei!

Estavas dentro de mim,
mas eu estava fora.

Eu te procurava fora quando me precipitava
sobre os seres externos,

belos às avessas,

as coisas belas, que são criadas por ti...

Estavas comigo e eu não estava contigo...

Chamaste, gritaste, feriste a minha surdez.

Brilhaste com fulgores,

varreste minha cegueira,

exalaste teu perfume,

respirei

e fui a teu encalço.

Saboreei-te: tenho fome e sede.

Tocaste-me: inflamei-me pela paz que me deste".

Assimilou a filosofia platônica e construiu um vasto sistema de metafísica cristã, cuja influência plasmou a Idade Média e perdura até hoje. *Deus, a alma e a graça* são o centro de todas as suas especulações. *Deum et animam ecire cupio. Nihilne plus? Nihil omnino* (Soliloq., I, c. 2).

B. Mondin (3) sintetiza fielmente o pensamento do *Doutor da*

3 Apud B. MONDIN, *Introdução à Filosofia*. p. 166.

Graça nessas linhas: "A visão filosófica agostiniana é o resultado da exigência de encontrar uma base racional para a fé cristã. Para atingir este objetivo, Agostinho recorre à filosofia de Platão, obtendo assim uma visão que aparece propriamente qualificada como *platonismo cristão*. Com efeito, em todos os problemas fundamentais a matriz platônica pode ser claramente reconhecida: no problema do conhecimento, com a doutrina da *iluminação*; no problema antropológico, com a substancial identificação entre o ser do homem e a alma; no problema metafísico, com a teoria das *verdades eternas* (idéias) e das *rationes seminales*; no problema ético, com a dura condenação de todo o prazer sensível e das paixões e de tudo aquilo que pertença ao mundo natural."

Desenvolveu ainda intensa atividade teológica, pastoral e polêmica. Contra o maniqueísmo sustenta a *liberdade do homem*, contra o pelagianismo, o *valor da graça*.

Dentre as numerosas obras destacam-se *De Trinitate*, *De gratia et libero arbitrio*, *Confessiones*, *De civitate Dei*, cerca de 400 sermões e muitas cartas.

Desta última obra cumpre evocar duas passagens cujas linhas, em latim *eloqüente e primoroso*, revelam o plano divino:

"An forte vos offendit inusitatus corporis partus ex virgine? Neque hoc debet offendere, immo potius ad pietatem suscipiendam debet adducere, quod mirabilis mirabiliter natus est.

An vero quod ipsum corpus morte depositum et in melius resurrectione mutatum iam incorruptibile neque mortale in superna subyexit.

An forte corrigi pudet? Et hoc vitium non nisi superbiorum est. Pudet videlicet doctos homines ex discipulis Platonis fieri discipulos Christi, qui piscatorem suo spiritu docuit sapere ac dicere: *In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil, quod factum est. In ipso vita erat lux hominum, et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt*". (Saint Jean, I, 14).

6. PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Leonel Franca (4), de forma cristalina e sucinta, assim se expressa quanto ao terceiro período da *Patrística*: "Os séculos que se

4. LEONEL FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 87.

seguiram imediatamente à morte de S. Agostinho foram, para a Europa de ignorância e de trevas. Os bárbaros irromperam de todos os lados, criando novas condições políticas e sociais de todo em todo contrárias à conservação e ao desenvolvimento da cultura intelectual. A atividade da Igreja concentrou-se, então, em humanizar e cristianizar as hordas invasoras, das quais, sob o seu magistério e disciplina, saiu a moderna civilização ocidental”.

Fora desse ambiente a situação era tão grave que, em fins do século VI, verberava S. Gregório de Tours: “*Vae diebus nostris quia periit studium litterarum a nobis*”.

Já Bizâncio, brilhante e suntuosa, pátria de luminares como Cirilo, Efrém e Crisóstomo, resistiu aos bárbaros até 1453. E o cisma ocorrido após o concílio ecumênico de Calcedônia (451), distanciou Constantinopla e Roma muito mais do que os mil e quinhentos quilômetros que as separam. Nesse conclave Roma condenara o *monofisismo* e definira a *união hipostática* de Cristo.

Mesmo assim, no lado ocidental, de quando em quando surge algum vulto imoportante como Cassiodoro, Isidoro de Sevilha, Beda, o Venerável, Severino Boécio e João Damasceno, este no Oriente, que prepararam nova e luminosa fase para a Igreja.

S. João Damasceno (675-749), de ascendência árabe, é considerado o último representante da *patrologia* grega. De atividade literária multiforme, da poesia incursiona à liturgia, da eloquência à filosofia e à apologética. A *Fonte do conhecimento* é uma das suas mais relevantes obras. Destaca-se por haver tentado no século VIII uma sistematização da teologia servindo-se de muitas doutrinas peripatéticas. Sua obra representa a transição para a filosofia *escolástica* cujos contornos já começavam a esboçar-se.

Esclarecedoras quanto à nova fase as palavras de Joseph Rassam (5): “O pensamento é ainda dominado pelas doutrinas patrísticas, sobretudo pela de Santo Agostinho, largamente influenciado pelo platonismo e pelo neoplatonismo. Mas, a partir do século XII, as obras de Aristóteles, das quais até então apenas se conhecia o *Órganon*, começam a ser divulgadas por intermédio dos Árabes, que continuavam instalados em Espanha, no reino de Granada. O aristotelismo será conhecido, em primeiro lugar, através dos comentários de Averróis. Esse facto constituía uma ameaça para o acordo entre a reflexão filosófica e a fé cristã. As obras de Aristóteles são, a partir de 1210, proibidas no ensino. Mas impunha-se uma medida mais positiva, pois, observa Forest, “as riquezas doutrinárias novas ameaçam ser utilizadas contra o pensamento cristão, se não o fossem

5. Apud JOSEPH RASSAM, *Tomás de Aquino*, p. 10.

por ele." Assim, em 1231, o papa Gregório IX, embora proibindo ainda o comentário das obras de Aristóteles, confia aos professores da Universidade de Paris uma reforma geral dos estudos."

Deste modo a *Patrologia cede lugar à Escolástica* cujos iluminados *Doutores da Igreja* retomam semelhantes problemas em matizes diferentes mas exprimindo as mesmas verdades dogmáticas, morais e racionais.

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. FRANCA, Leonel, S.J.. *Noções de História da Filosofia*. Rio, Agir, 1978.
2. GOMES, C. Folch. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo Paulinas, 1985.
3. HAMMAN, A. *Os Padres da Igreja*. São Paulo Paulinas, 1985.
4. HORÁCIO, Q. Flaco, *Ode III, 30*. In: *Odes et Épodes, Les Belles Lettres*, Paris, 1954.
5. MONDIN, B. *Introdução à Filosofia*. São Paulo, Paulinas, 1983.
6. MONGE, A., SIMONETTO, B. *Os Doze a Caminho — História da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1983.
7. NÓBREGA, Vandik L. da. *O Latim do Vestibular* (Direito e Filosofia), Rio, Freitas Bastos, 1962.
8. PADOVANI, U., CASTAGNOLA, L., *História da Filosofia*. São Paulo, Melhoramentos, 1977.
9. PERRET, J. *Saint Augustin, La Cité de Dieu*, Tome Deuxième, Paris, Garnier.
10. RASSAM, J. *Tomas d'Aquin*. S.l. Presses Universitaires de France, 1969.
11. SGARBOSSA, M., GIOVANNINI, L. *Um santo para cada dia*, São Paulo, Paulinas, 1983.